

O lugar da criança (entre a mãe e a mulher) ou "lalíngua, não por acaso, dita materna".

Ana Beatriz Freire

"[...] os efeitos só se comportam bem na ausência da causa. Todos os efeitos estão submetidos à pressão de uma ordem transfactual, causal, que exige entrar em sua dança, mas, se eles se dessem a mão bem apertado, como na canção, fariam obstáculo a que a causa se imiscuisse em sua roda... A causa inconsciente [...] é uma função do impossível sobre a qual se funda uma certeza"¹.

Lugar da criança entre a mãe e a mulher²

Retomando a "Nota sobre a criança"³, gostaríamos de pensar o lugar da criança na estrutura familiar e, em particular, em relação à lalíngua. Nessa carta, Lacan apresenta a questão a partir de duas perspectivas: do "resíduo exercido pela família conjugal na evolução das sociedades" e da "irredutibilidade de uma transmissão"⁴.

Assim, Lacan sublinha que a função da mãe seria trazer nos seus cuidados a marca de um interesse particularizado que, justamente por ser particular, singulariza a criança, retirando-a de seu anonimato, pelas suas faltas. Trata-se de faltas associadas ao desejo e, portanto, à subjetividade tal como o "infans" vem se constituir. Nessa definição, pressupomos que exista a instauração de uma subjetividade através do desejo, já que associamos, em psicanálise, desejo à falta, ao que Freud nomeou objeto perdido.

A partir do comentário de Eric Laurent⁵, observamos que nesse texto a função do pai é paradoxal, já que essa função indica, segundo a expressão do próprio Lacan, um "vetor da encarnação da lei no desejo". Há uma contradição entre os termos dessa expressão, uma vez que *vetor* é um termo lógico, matemático, enquanto *encarnação* é

um termo religioso, que pressupõe tanto a carne quanto a crença. Na função paterna há então uma associação *paradoxal* - repito - entre a crença que se encarna na tradição, de um lado, e o que se transmite por um vetor, de outro. Nessas duas vertentes podemos pensar que Lacan coloca em tensão, não por acaso, uma função quase matemática que evitaria, por um lado, o drama através da significação e do conteúdo narrativo e, por outro, a encarnação - isto é, algo que tem efeito no corpo e no campo do gozo - do "excesso de sexualidade"⁶, segundo Freud.

Quanto à mãe, há também um paradoxo⁷, uma vez que, subjacente ao seu desejo, existe o que Lacan nomeou "a boca do jacaré", ou seja, um supereu guloso e feroz⁸. Este supereu, cujo imperativo é o impossível "goze", um gozo excessivo, desregulado, que aponta para o lado mortífero do desejo e, portanto, para algo que exige uma construção do sujeito no lugar de filho. Por isso, o desejo da mãe se apresenta como angústia, cujo paradigma foi imaginarizado por Lacan através das fantasias infantis, como o crocodilo. O paradoxo pode ser resumido no condicional: "se a mãe se aproxima demais, é o fim do desejo"⁹.

Vale lembrar que, nessa nota de 1969, o sintoma da criança, como representante da verdade, se apresenta sob duas maneiras: primeiramente, representando a verdade do casal familiar. Segundo Lacan, esse é o caso mais complexo, mas também o mais acessível às nossas intervenções. É o caso do Pequeno Hans, cujas construções, sintomáticas e da fantasia, são complexas, uma vez que se articulam à verdade do casal parental. Por isso mesmo, possibilitaram a Hans responder às intervenções de Freud. Na segunda vertente, a do sintoma, a articulação se reduz, segundo Lacan, quando o sintoma que vem prevalecer decorre da subjetividade da mãe, isto é, quando a verdade

do sintoma da criança está diretamente correlacionado à fantasia da mãe. É o caso da relação criança/mãe sem mediação - aquela mediação que segundo Lacan é normalmente assegurada pela função do pai. A falta dessa mediação deixaria a criança exposta a todas as capturas fantasísticas, fazendo com que o filho se torne "objeto" "pleno", saturado, da fantasia da mãe.

Sabemos que, por muito tempo, essas duas respostas sintomáticas foram associadas a duas estruturas: respectivamente, à neurose e à psicose. A primeira, a criança neurótica respondendo ao sintoma do casal parental, e a segunda referida à saturação da fantasia materna como resposta do sujeito psicótico.

Entretanto, essa dicotomia e a relação biunívoca entre as duas repostas frente à verdade do sintoma devem ser também problematizadas. Na clínica, encontramos muitas crianças que se apresentam, inicialmente, sem possibilidades de mediação, capturadas pela fantasia materna, mas que, no decorrer do tratamento, conseguem construir alguma nomeação que possibilita mediar essa relação com a mãe, separando-a do seu lugar de objeto da fantasia materna. Talvez seja esta a aposta de toda condução de tratamento possível para um sujeito em sua construção, ou seja, a possibilidade de se separar do gozo mortífero que faz anular o desejo. Essa talvez seja a possibilidade de pensar o próprio lugar da criança como aquele que divide, separa a mãe (dita saturadora, crocodilo) de seu lado mulher. Trata-se do lado feminino, *nãotodo*, da mulher também mãe, que aponta para um resíduo, um desejo que não pode ser preenchido com nenhum objeto. Vale repetir que para a psicanálise o desejo é homólogo à falta, e portanto, propiciador de construções, invenções subjetivas muitas vezes inéditas frente ao campo do que constituímos como Outro, o próximo ou, em termos freudianos, o "Nebenmensch"¹⁰.

"Lalíngua dita, não por acaso, materna"

Em *O seminário, livro 20: mais, ainda*, ao construir seu conceito de lalíngua, Lacan se distancia de sua primeira concepção de linguagem como tesouro do significante¹¹. Ele afirma que a linguagem, longe de ser um tesouro "a priori", já dado, é uma elucubração, uma construção de saber feita a partir de e com lalíngua¹². Lalíngua, aglomeração de algo que escapa a qualquer sistema e organização, é feita, por sua vez, de restos, aluviões, resíduos e pedaços de significantes vindos de alhures, do campo do que poderíamos definir como exterior ao sujeito - exterioridade que, às vezes, se apresenta como afetando no interior o próprio sujeito ou como algo, acontecimento, daquilo que se acredita ter, a saber, o corpo.

O que nos chama atenção é que, diferentemente da "Instância da letra"¹³ (1958), onde a letra se definiria como suporte material do significante¹⁴, agora em 1969/70, o conceito de lalíngua aponta para outra dimensão do significante, não mais definido apenas como função diacrítica, mas como algo que aponta para o gozo. Trata-se de algo que sinaliza a presença do real que se encarna, não por acaso, em efeitos corporais, acontecimentos de corpo.

Assim, analisando a passagem em que Lacan afirma ser "lalíngua, não por acaso, dita materna"¹⁵, constatamos que há uma tensão entre o dito e o dizer, ou entre o que o senso comum diz e o que de fato Lacan quer salientar: lalíngua se encarna, a partir dos restos dos ditos da mãe, como alteridade no corpo, como "extimidade" à criança. Aqui acreditamos que para além da crítica à imaginarização da mãe dos pós freudianos, ou de uma mãe que se confundiria com um Outro prévio, dado como função, Lacan coloca em paradoxo e em tensão mais uma vez a função, ou o vetor, de

algo sem narrativa, por um lado, e por outro, a encarnação de uma mãe. Assim, a relação entre mãe e criança, longe de ser uma relação onde existiria harmonia (o que contrariaria o aforismo da não harmonia, da não relação sexual), aponta mais na direção de um real como impossível, real que não se reduz a nenhum sistema. Parafraseando Freud, lá onde eu era sua falta, a mãe há de advir não apenas imaginarizada ou como um significante entre outros, mas com seus detritos através de lalíngua.

Constatamos que o Outro não existe "a priori", mas somente como uma elucubração, produção do sujeito, "a posteriori", de lalíngua. Supomos que Lacan, ao assinalar a lalíngua como dita materna, estaria apontando, portanto, para a não existência do Outro "a priori", ou à presença deste Outro inassimilável muitas vezes veiculado pelos significantes maternos e à relação enigmática do lugar que a criança ocupa na fantasia da mãe.

Nessa relação difícil entre o sujeito e a alteridade, recorreremos muitas vezes ao mito ou a divagações científicas para compreender ou tentar construir a etiologia estrutural de um sujeito. Dentre essas construções constatamos na história da psicanálise várias posições: sejam aquelas, em oposição à maternagem que se instaurou nas teorias pós-freudianas, que postulam que entre a mãe e a criança há apenas uma relação funcional vazia de histórias, acontecimentos de corpo e de gozo, ou aquelas que atribuem à mãe e seus afetos o fator causal, como uma relação biunívoca, do que vai advir como estrutura subjetiva de seu filho.

Ora, pensamos sustentar com Lacan que a relação entre a lalíngua e o sujeito, longe de apontar para uma determinação biunívoca entre mãe e filho (o que levaria à culpabilização da mãe) ou apenas para sua indeterminação (o que a colocaria em uma mera função abstrata), deve ser concebida na impossibilidade imanente a toda transmissão.

Nessa relação entre lalíngua e a dita mãe pensamos que Lacan não apenas se opõe a uma certa interpretação que associa Outro à maternagem, mas sobretudo postula ser a mãe aquela que, através de suas faltas, transmite com seus cuidados, uma singularidade do desejo, o que propicia, por vezes, ao seu filho surgir como sujeito e sair do anonimato. Nesse sentido, parece-nos que Lacan ao empregar a expressão "dita", adjetivando o termo materno, não pretendia se referir ao senso comum que associa lalíngua à mãe, mas apontar para a função materna que singulariza, inscreve os significantes que deixam detritos, pedaços de uma história que servirá *a posteriori* como construção. Construção e elucubração para que um filho possa, como sujeito, colocar a singularidade de seu desejo ("desejo da mãe" no sentido objetivo e subjetivo)¹⁶. E se a criança divide a mãe em sua função materna, apontando para seu lado mulher, é na medida em que nenhum dito filho pode preencher inteiramente a mãe e que esta, por essa razão, nunca é, parafraseando Winnicott, suficientemente boa.

Como afirma Lacan, "só existe a causa para o que manca"¹⁷, entre causa e efeito há sempre um hiato, e a relação de constituição do sujeito se produz sob efeitos encarnados de subjetividades, de acontecimentos de corpo que não se reduzem nem a um Outro pré-determinado de antemão, nem a uma profilaxia onde possamos prever uma (falsa) linhagem causal como no ditado popular "tal mãe tal filho". Como Lacan afirma, entre o sujeito e a relação com a mãe, algo tem que cair para que surja um sujeito em sua singularidade. Esse é o lugar, no *Seminário, livro 10*, da placenta como termo "amboceptor" que não pertence nem à criança nem à mãe, mas que propicia suas conexões.

Essa afirmação é bem atual na reivindicação, por exemplo, das mães dos autistas¹⁸. Nesse debate duas posições devem ser evitadas. Seja a suposta relação biunívoca de causa e efeito entre mãe/filho, o que

provocaria a culpabilização da mãe (como em Belthenheim) como se esta fosse "esquizofrenizante" ou única responsável causal de uma futura resposta estrutural (psicótica ou não). Seja a desresponsabilização dos pais no que venha a acontecer aos filhos, o que muitas vezes os levam a se apegarem a teorias que atribuem a causa, por exemplo, do autismo à genética ou a uma estrutura biológica "a priori"¹⁹.

Vejamos alguns pequenos fragmentos clínicos que apontam para a relação de "extimidade" entre a língua e "a não, por acaso, dita mãe".

A criança que é alimentada excessivamente não apenas com comida, mas também com expressões, aluviões, detritos de significantes culinários que a nomeiam ("ela é meu doce de côco, meu chuchuzinho, meu docinho, meu brigadeiro") não por caso pode vir a se recusar a comer, tentando se colocar anorexicamente como sujeito desejante. Uma resposta sintomática frente a uma fantasia que tem detritos que saturam e a fixam como sujeito em um gozo mortífero, que pode dificultar a construção do modo singular do seu próprio desejo²⁰.

Fábio, jovem autista, conseguiu ao longo do tratamento se apropriar de um computador para tentar barrar, à sua maneira, o gozo que o fixava no lugar amorfo de foca, lugar infantil que o saturava e o fixava na fantasia materna. No tratamento passa a se servir de histórias em quadrinhos não mais infantis, e sim mais joviais. Esse trabalho deixou de colocá-lo apenas como tentativa de se defender do Outro, mas, sobretudo, propiciou a esse jovem se separar da "ecolalia" do termo *Foca* que o apresentava como objeto saturado do Outro. No final de longos anos, conseguiu, na sua possível enunciação, se separar e se interrogar: "Cadê a foca?"²¹.

Roberta tratou de sair do lugar fixado e mortífero de cuidar da mãe para evitar que esta tentasse se matar,

servindo-se da construção de um sintoma onde conseguiu diferenciar a loucura da lalíngua dita materna de sua própria. Através da invenção do significante "loka", que designava, para ela própria, brincadeira, zoeira, essa jovem conseguiu se separar do "Outro louco". Assim ao longo do tratamento, usando como recurso a diferenciação entre a palavra louca com a letra "c" do que a fazia referir à loucura do Outro (dito materno), de um lado e, de outro, a da letra "k" do significante *loka* de seu próprio sintoma, R. conseguiu construir um lugar singular de seu desejo. Atualmente, Roberta cava uma saída sintomática possível, em sua precocidade, através da relação amorosa com um rapaz.

Considerações finais

A relação de constituição do sujeito a partir do campo do Outro sofreu modificações ao longo da história da psicanálise. Encontramos desde os pós freudianos que atribuíam a constituição do sujeito à maternagem e, concomitantemente, postulavam ser a relação com a família a causa da patologia até os que associam mãe a uma mera função anônima, vazia, um Outro prévio como tesouro puro de significantes. Na contemporaneidade onde se constata a inexistência do Outro e a falência da função do pai, vale à pena nos perguntarmos sobre o que resta do que nos constitui, sobre a relação com a "lalíngua dita, não por acaso, materna". Frente à busca da causalidade, da etiologia do que nos causa, muitos respondem pelo mito, ou por teorias científicistas, ou ainda pela culpabilização ou pelo ressentimento dos pais ao constatarem a não relação harmoniosa com o outro ou, como afirma Lacan, a não relação sexual. Cabe aos psicanalistas pensar, para além do determinismo biológico ou sociológico, o que resta de detritos desse campo vasto que designamos de alteridade, suas narrativas, significações e interpretações. No que concerne às invenções de novos modos de subjetividade,

denuncia-se geralmente que houve *déficits*, erros, falhas, ou mesmo enganos e, conseqüentemente, propõe-se uma profilaxia. Nesse sentido, concordamos com Ansermet e Giacobino quando afirmam que a ideia de uma causalidade psíquica é posta em dúvida: invocam-se doravante as bases genéticas como, por exemplo, no caso do autismo ou fatores sociais (como nos casos de pânicos, da dita bipolaridade, etc.), separando-as da produção e construções psíquicas.

Sem atribuímos a subjetividade e produção psíquicas à causalidade biunívoca da relação com o outro, nem tampouco atribuímos o dito "erro" à genética, buscamos nesse artigo enfrentar a questão, não evidente, do lugar da criança e do Outro a partir do real e da concepção de lalíngua materna. Evitamos responder seja pela via do Outro prévio, função vazia e ideal que remeteria a uma estrutura dada, seja pela do materialismo genético, ou ainda do social como próximo. Apostamos, sobretudo, na função da transmissão pela impossibilidade e pela falta materna.

Para finalizar, resta-nos, eticamente, abrir o campo de investigação, convocando cada um a responder por suas escolhas frente à lalíngua, distinguindo, portanto, a responsabilidade subjetiva da culpabilização.

¹ LACAN, J. (1979[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 124.

² MILLER, J.-A. (nov. 2014). "A criança entre a mulher e a mãe". In: *Opção Lacaniana online nova série*, 5(15). Disponível em:

<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf>.

³ LACAN, J. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 369. Carta à Jenny Aubry, psicanalista do setor de psiquiatria infantil do hospital des Enfants Malades.

⁵ LAURENT, E. (2007). "As novas inscrições sobre o sofrimento da criança". In: *A sociedade do sintoma*. Rio de Janeiro: Contracapa.

⁶ FREUD, S. (1977[1896]). "Rascunho k: as neuroses de defesa". In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 312.

⁷ ANDRÉ, M. A. & BARROS, R. R. (2015). "O incesto". In: *Mães*. Rio de Janeiro: Editora Subversos, pp. 45-46.

⁸ A referência à mãe devoradora desenvolvida no *Seminário 4* é retomada por Lacan no *Seminário 17* nos seguintes termos: "o papel da mãe é o desejo da mãe [...]. Carrega sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão - a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a sua bocarra". LACAN, J. (1991[1969-1970]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 105.

⁹ ANDRÉ, M. A. & BARROS, R. R. (2015). "O incesto". In: *Mães*. Op. cit., p. 50.

¹⁰ FREUD, S. (1977/1950[1895]). "Projeto para uma psicologia científica". In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. I. Op. cit., p. 422. Ver também os comentários de Lacan no *Seminário 16* onde ele coloca a relação do sujeito com o próximo como uma terra plena de gozo, uma "iminência intolerável de gozo", que só depois, em um segundo tempo, pode ser aplainada, reduzida de gozo. LACAN, J. (2006[1968-1969]). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 225.

¹¹ IDEM. (1998[1958]). "Instancia da letra no inconsciente ou a razão desde Freud". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹² Citemos a passagem integralmente: "A linguagem, sem dúvida, é feita de lalíngua. É uma elucubração de saber sobre lalíngua". IDEM. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 190.

¹³ IDEM. (1998[1958]). "Instancia da letra no inconsciente ou a razão desde Freud". In: *Escritos*. Op. cit.

¹⁴ "Designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem [...] que a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental". IDEM. *Ibid.*, p. 498.

¹⁵ IDEM. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Op. cit., p. 188 e p. 190. Sobre lalíngua como aluvião, marca de experiência, na "Terceira" Lacan comenta: "Lalíngua é o que permite que o voto ('voeux'), consideremos que não é por acaso que isso seja também 'veut' (quer), terceira pessoa do indicativo do verbo querer; que o 'nom' (não) que nega e o 'nom' (nome) que nomeia, isso também não seja um acaso; nem que deles (d'eux) seja feito da mesma maneira que o algorismo dois (deux), isso não é puro acaso nem arbitrário como diz Saussure. O que é preciso conceber aí é o depósito, a aluvião, a petrificação que se marca pelo manejo, por um grupo, de sua experiência inconsciente". IDEM. (2002[1974]). "A terceira". In: *Cadernos Lacan*, vol. 2. Porto Alegre: APPOA, p. 9.

¹⁶ IDEM. (1979[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Op. cit., p. 27.

¹⁷ Como Lacan assinala a propósito do "desejo do homem" e do "discurso do Outro", o pronome possessivo "de" pode ser concebido nos dois sentidos da gramática latina: no sentido

objetivo e/ou subjetivo. Assim, na expressão "o desejo da mãe", podemos conceber o possessivo tanto no sentido que remete ao desejo pela mãe quanto pelo desejo que pertence à mãe. Lacan nesse texto comenta que a expressão "o desejo do homem" pode ser entendida como o desejo do outro onde a determinação dita pelos gramáticos subjetivos prevalece, a saber, que é "enquanto Outro que ele designa", já a expressão "o inconsciente é o discurso do Outro é no sentido objetivo do latim que ele prevalece". IDEM. (1998[1960]). "Subversão do sujeito e dialética do desejo". In: *Escritos*. Op. cit., p. 829.

¹⁸ LAURENT, É. (2012). *A Batalha do autismo: da clínica à política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹⁹ Concordamos com Ansermet que cada um deve ter seu genoma singular, assim como seu sintoma. ANSERMET, F & GIACOBINO, A. (2013). *Autismo: a cada um seu genoma*. Petrópolis: KBR/Coleção Psicanálise & Ciência - EBP.

²⁰ Conferir o caso de anorexia cujos detritos vindos do Outro incidiram para o sujeito sob a expressão "sem gosto". VIEIRA, P. & DIAS, R. (2014). "Psicanálise e anorexia: o que a psicose tem a nos dizer sobre isso? Fragmentos de um caso clínico". In: *Circulando: jovens e suas invenções no autismo e na psicose*. Rio de Janeiro: Editora Subversos, pp. 121-133. Sobre essa relação entre desejo e demanda, Lacan comenta: "É a criança alimentada com mais amor que recusa o alimento e usa sua recusa como um desejo (anorexia mental) [...]. Afinal de contas, a criança, ao se recusar a satisfazer a demanda da mãe, não exige que a mãe tenha um desejo fora dela, porquanto é essa a via que lhe falta rumo ao desejo?". LACAN, J. (1998[1958]). "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: *Escritos*. Op. cit., p. 634.

²¹ Caso discutido com Eric Laurent no XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano: conversação do autismo. (2013). "Um caso de um jovem autista". In: *O autismo hoje e seus mal-entendidos: conversação clínica de Salvador*, vol. I. Belo Horizonte: Scriptum Editora, pp. 45-55.